

PROPOSTA DE LEITURA E COMPREENSÃO DO CLÁSSICO *O MENINO NO ESPELHO*, PELO VÍES DA ANÁLISE DO DISCURSO

ABREU-AOKI, Raquel ¹

RESUMO: *O menino no espelho*, romance de Fernando Sabino, é narrado pelo personagem principal, Fernando, mesmo nome do escritor. Muitos são os traços biográficos do autor doados à narrativa, mesclando no texto ficção e realidade. O protagonista partilha com o leitor suas histórias de vida, sobretudo as vividas na infância. Ao contar tais experiências, ele as enquadra em um espaço de ressignificações. Interessa-nos compreender como essas ressignificações são organizadas e produzem efeitos de sentido na tessitura textual. Para isso, recorreremos às categorias da Análise do Discurso, a saber a Semiologia e os Modos de organização do discurso de Charaudeau (2009).

PALAVRAS-CHAVE: Leitura, Literatura, Semiologia, Modos de organização do discurso

Considerações iniciais

“Aqui jaz Fernando Sabino, nasceu homem, morreu menino”
(Fernando Sabino, em 11/10/2004 – epitáfio que deixou para seu túmulo).

O livro *O menino no espelho*, do escritor Fernando Sabino, foi publicado pela primeira vez em 1982, sua narrativa remonta ao início da década de 30, em Belo Horizonte. Aqueles que conhecem um pouco sobre a vida de Sabino percebem facilmente no romance, muitos traços biográficos do escritor, há na narrativa um jogo entre ficção e realidade posposto por ele. Isso acontece principalmente, pela escolha do nome do protagonista e narrador-personagem da obra, Fernando, que se (con)funde com o do autor.

¹ Doutora em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais. Professora do Curso de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

No decorrer de toda a obra, dividida em doze seções, o personagem Fernando vai compartilhar com os leitores suas vivências, especialmente as da infância. Ao contar suas histórias, ela seleciona e sistematiza suas experiências, enquadrando-as em um espaço de ressignificações. Interessa-nos compreender como essas ressignificações são organizadas e quais sentidos são produzidos a partir delas.

Sabemos que são muitas as camadas discursivas de um texto, não seria diferente com o literário, não pretendemos delimitar uma análise definitiva, nossa proposta é demonstrar que a obra literária pode ser lida e compreendida, também, pela perspectiva da Análise do discurso (AD), mediante seus mecanismos de interpretação.

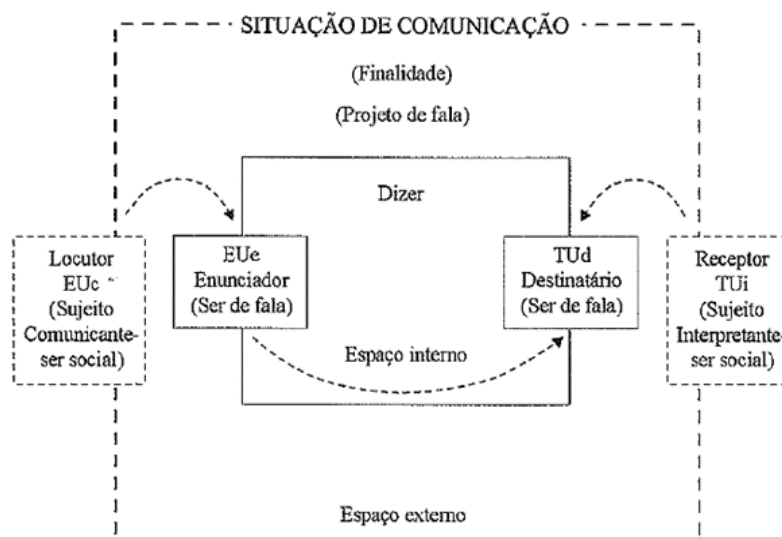
Nesse sentido, selecionamos como *corpus* desta pesquisa, duas partes do livro *O Menino no Espelho* de Fernando Sabino: o prólogo e o epílogo. Geralmente, essas seções têm finalidades encerradas em si mesmas, mas no livro de Sabino, curiosamente, elas fazem parte da narrativa e são contadas em dois tempos distintos. O prólogo tem o foco narrativo do protagonista Fernando enquanto criança e o epílogo, do protagonista Fernando já na fase adulta.

Dentre as muitas teorias estudadas na AD, à qual nos filiamos, escolhemos, para esta pesquisa, as categorias da Semiologia (TS) e dos Modos de organização do discurso (MODs) que nos orientam na leitura e compreensão do *corpus* selecionado.

O autor e o protagonista pelo viés da Semiologia

Para a Semiologia, a linguagem deve ser considerada dentro de seu contexto histórico, psicossocial e cultural. Dessa forma, analisaremos o *corpus* considerando os parceiros da troca linguageira e seus estatutos; as instâncias de produção do discurso; a finalidade do ato comunicativo; e as circunstâncias materiais nas quais se realiza o ato linguageiro.

Como esclarece Charaudeau (2009) o ato comunicativo é um fenômeno que combina o fazer e o dizer, articulados em um duplo circuito, o qual ele batizou de *Quadro enunciativo*. Esse quadro é constituído por um circuito externo, a sede do fazer; e um circuito interno, a sede do dizer – indissociáveis um do outro, como pode ser visto a seguir.



Charaudeau, 2009, p.52

O ato linguageiro perfaz, então, esses dois circuitos: o *externo* (nível situacional) em que se encontram duas instâncias, a de *produção* do discurso, representada pelo *sujeito comunicante* (EUc) e a de *recepção*, representada pelo *sujeito interpretante* (TUi). Esses sujeitos são seres reais, historicamente determinados e recebem o nome de parceiros. Em virtude de suas funções e intenções, decorrentes de uma dada situação de comunicação, esses parceiros realizam, respectivamente, um projeto de fala/escrita e suscitam uma expectativa de interpretação.

O nível situacional não é, portanto, o discurso propriamente dito, mas será determinante para a sua configuração. Em outras palavras, trata-se das condições de produção do discurso (o *fazer*). No caso do nosso *corpus*, o EUc é o ser empírico Fernando Sabino, responsável pelo projeto de escrita literária, jornalista e editor brasileiro. O TUi representa uma possível parcela da sociedade que leu ou lerá a obra *O menino no espelho*, ou seja, aderiu ao projeto de Sabino.

Já no *circuito interno*, estão localizados os seres discursivos: sujeito enunciador (EUe) e o sujeito destinatário/leitor idealizado (TUd). Ambos são o resultado da encenação do *dizer* realizada pelo EUc. Considerando a situação de comunicação, o EUc utilizará estratégias discursivas apropriadas em relação ao que se deve, se pretende e se espera dizer. Para isso, o EUc projetará um EUe, encarregado da materialização linguística de tais estratégias.

O EUE é uma imagem de si (discursiva) que o indivíduo (ser real) constrói por meio da linguagem. Essa imagem de si é reconstruída continuamente por cada um dos falantes, ela pode variar de acordo com as situações de comunicação em que eles se encontram.

Em nosso *corpus*, há um desdobramento desse circuito interno, ele aciona procedimentos particulares de projeção dos EUs. Essa fórmula, pode ser observada principalmente no prólogo “O menino e o homem” e no epílogo “O homem e o menino” escritos por Fernando Sabino. Há nessas duas partes, o mesmo narrador-personagem, que desliza entre dois tempos: passado/presente, infância/vida adulta, pelo fino fio da memória.

O personagem Fernando/adulto revive suas lembranças de infância e conta algumas das aventuras que viveu na cidade de Belo Horizonte, quando tinha 8 anos. Na narrativa há uma tensão entre realidade e ficção, o narrador nos conduz em uma viagem de volta ao passado, trazendo recordações da sua infância e revelando alguns traços biográficos do escritor Fernando Sabino.

O detalhamento do Quadro enunciativo, neste trabalho, é importante para mostrar que ainda que muitas características da vida do autor Fernando Sabino tenham sido “doadas” ao narrador e protagonista Fernando, como seu nome próprio; a cidade de BH, em que viveu sua infância e o apartamento no Rio, onde passou a vida adulta; os nomes dos bichos de estimação etc., provocando um efeito de real, não se pode perder de vista o fato de que a obra literária é uma ficção por natureza. Arfuch (2010, p.55) salientou essa questão quando disse que

a vida, quando inserida em uma narrativa, é recriada, como tudo que vira matéria da literatura: não se tratará então de adequação, da “reprodução” de um passado, da captação “fiel” de acontecimentos ou vivências, nem das transformações “na vida” sofridas pelo personagem em questão, mesmo quando ambos – autor e personagem – compartilharem o mesmo contexto. Tratar-se-á, simplesmente, de literatura.

Completando, “autor e narrador – categorias pertencentes, respectivamente, ao fora e ao dentro do texto – se confundem e se excluem simultaneamente, pois, se há elementos que as aproxima e as identificam, os textos também exibem suas contrapistas, impedindo o leitor de sustentar uma ilusão autobiográfica”. (VIEGAS, 2009, p. 15). Dessa forma, sabemos que tal história não será a realidade propriamente dita, mas sim o espectro de um mundo possível. (ABREU-AOKI, 2020).

Em relação aos MODs, Charaudeau (2009, p. 68) explica que “eles constituem os princípios de organização da matéria linguística, princípios que dependem da finalidade de comunicação do sujeito falante: enunciar, descrever, narrar e argumentar”.

Esses modos são escolhidos na tentativa de satisfazer as condições de sucesso impostas pela situação comunicativa. Para tanto, o sujeito deve considerar as limitações que lhe são apresentadas pelo quadro físico e mental no qual se encontra: a identidade dos parceiros, as condições materiais em torno das quais a situação se estrutura, o propósito temático e a finalidade de troca.

Esses modos de organizar o discurso não são totalmente separados uns dos outros, eles embrenham-se no desenvolvimento dos textos. O sujeito pode utilizar um ou mais modos ou até a combinação deles, dependendo do espaço de manobras que possui dentro da troca comunicativa. Para este trabalho, demonstraremos como o modo de organização *descritivo* organiza o mundo referencial da narrativa e como propicia a produção de sentido no texto literário.

O modo de organização *descritivo* do discurso

O modo de organização descritivo é constituído por três componentes: *nomear*, *localizar-situar* e *qualificar*. Esses elementos são, ao mesmo tempo, autônomos e indissociáveis. Com eles, é possível formar a base da identidade civil dos actantes (personagens de uma narrativa): nome, sobrenome, data e local de nascimento, sinais particulares entre outros.

Charaudeau (2009, p.116) explica que “a partir do momento em que os seres do mundo são nomeados, localizados e qualificados, é como se eles fossem impressos numa película para sempre”. O descritivo é, por assim dizer, uma categoria que serve para construir uma imagem atemporal do mundo. Descrever é um processo que fixa imutavelmente lugares (localização) e épocas (situação), maneiras de ser e de fazer das pessoas. De fato, os personagens e lugares descritos por Sabino acham-se imortalizados em suas obras.

Em relação à descrição, há um fator importante que precisa ser considerado pelo leitor, que diz respeito ao ponto de vista de quem descreve, ou seja, a maneira como o sujeito apresenta os elementos da narrativa. Esse olhar subjetivo difere da construção descritiva pelo ponto de

vista objetivo, que constitui uma visão de “verdade” /uma verossimilhança realista², qualificando os seres e fatos, por exemplo, com a ajuda de traços que são verificáveis por qualquer pessoa.

O ponto de vista objetivo pode ser percebido no livro, quando o narrador compartilha fatos que viveu na infância e que podem ter sido vividos também, por qualquer um de nós, leitores. Quem, por exemplo, nunca ouviu dizer de goteiras no telhado em dias chuvosos? Geralmente elas preocupam os adultos, no entanto para as crianças podem ser ressignificadas em uma brincadeira.

Quando chovia, no meu tempo de menino, a casa virava um festival de goteiras. Eram pingos do teto ensopando o soalho de todas as salas e quartos. Seguia-se um corre-corre dos diabos, todo mundo levando e trazendo baldes, bacias, panelas, penicos e o que mais houvesse para aparar a água que caía e para que os vazamentos não se transformassem numa inundação. Os mais velhos ficavam aborrecidos, eu não entendia a razão: aquilo era uma distração das mais excitantes. (SABINO, 2009, p. 11 - prólogo).

Observamos que esses procedimentos estão presentes, também, em trechos que têm dados históricos e nomes de lugares, que podem ser verificados no mundo referencial. Com esses dados, além de marcar um ponto de vista objetivo, o escritor produz um efeito de real a seu texto, como notado em um outro fragmento “o que vejo agora é a paisagem de sempre, o fundo dos edifícios voltados para mim, iluminados pelas luzes do entardecer em Ipanema”. (SABINO, 2009, p. 111 - epílogo).

Já os procedimentos de construção subjetiva consistem na possibilidade de se descrever os seres do mundo, seus comportamentos por meio de uma visão pessoal, nem sempre passível de verificação. Emediato (2008, p. 147) contribui com essa questão ao explicar que “por meio da qualificação subjetiva do mundo, dos seres e dos objetos, o sujeito que descreve pode ter como objetivo influenciar o seu interlocutor orientando sua maneira de ver e apreciar as coisas”.

Sendo assim, o universo é descrito tendo como base o imaginário dos parceiros comunicativos. Esse imaginário, como explica Charaudeau (2009), pode ser o resultado de uma intervenção pontual do narrador a propósito da descrição do mundo. Essa influência deixa

² Charaudeau (2009, p. 121) explica que “não se trata de verdade no mundo, mas de um imaginário social compartilhado que representa ou constrói o mundo segundo o que crê ser verdade, e que é apenas uma ilusão de verdade, um fantasma de verdade. É preferível, pois, definir essa função como verossimilhança realista”.

transparecer os sentimentos, os afetos e as opiniões do sujeito descritor de forma que, em alguns momentos, o mundo descrito pode se confundir com os estados de alma daquele que descreve. Um exemplo representativo dessa descrição subjetiva pode ser visto em

Gostei daquele homem: ele sabia uma porção de coisas que eu também sabia. Ficamos conversando um tempão, sentados na beirada da caixa de areia, como dois amigos, embora ele fosse cinquenta anos mais velho do que eu, segundo me disse. Não parecia. Eu também lhe contei uma porção de coisas. Falei na minha galinha Fernanda, nos milagres que um dia andei fazendo, e de como aprendi a voar como os pássaros, e a minha aventura de escoteiro perdido na selva, as espionagens e investigações da sociedade secreta Olho de Gato. (SABINO, 2009, p. 13 - prólogo).

No fragmento acima, percebemos como o narrador descreve uma cena que acontece com ele na infância. Ele transparece seu afeto por “aquele homem”, revelando reflexões e apreciações pessoais.

Em nosso material de análise, há uma combinação dos dois pontos de vista: o subjetivo e o objetivo. Pelo viés subjetivo, Sabino revela fractais de memória que transmitem ao leitor suas vivências de criança, as amizades, seus bichinhos de estimação, a casa onde viveu em Belo Horizonte, a relação com os pais etc. Por meio do ponto de vista objetivo, ela seleciona dados que podem ser verificáveis no mundo e, por isso, dão a seu texto um efeito de realidade e verdade.

A partir deste ponto, passamos a verificar no nosso *corpus* as ocorrências dos procedimentos de *nomear*, *localizar-situar* e *qualificar*.

Segundo Charaudeau (2009), a *nomeação* tem como finalidade a identificação, ou seja, estabelece a existência dos seres, mas esse processo não corresponde a uma simples “etiquetagem” de uma referência preexistente. Ele é o resultado de uma operação que incide em fazer existir seres significantes no mundo narrativizado, ao nomeá-los. É importante ressaltar que essa identificação dos seres no mundo é limitada pela finalidade das situações de comunicação nas quais se inscreve, e relativizada, tornando-se até mesmo subjetiva, de acordo com a intenção do sujeito descritor.

Ainda nos termos de Charaudeau (2009), a denominação identifica os seres sob a forma de nomes comuns ou próprios, podendo ser de um ponto de vista geral (identificação genérica) ou particular (identificação específica). Em nosso *corpus*, a maioria dos personagens tem nomes

próprios. Esses nomes servem para caracterizá-los juntamente com suas qualidades, comportamentos e importância na narrativa.

Por meio da denominação, podemos identificar quais são as personagens principais e secundários; identificar também os lugares e os fatos históricos que compõem a narrativa, por isso, essa é uma categoria essencial para o gênero literário.

Em toda a narrativa, podemos observar o caso de *identificação específica*, categoria a partir da qual é possível conhecer o protagonista Fernando/criança/adulto e os outros personagens da história, como a galinha Fernanda, a amiga Mariana, o galo Godofredo, o cão Hindemburgo, o coelho Pastoff etc.

A identificação genérica também está presente no material de análise. Ela corresponde aos nomes que fazem referência a uma categoria geral. Observe o fragmento: “Senti que havia alguém em pé atrás de mim. Uma voz de homem, que soou familiar aos meus ouvidos, perguntou: — Que é que você está fazendo? (...). O homem se agachou a meu lado (...)”. (SABINO, 2009, p. 11 – prólogo).

Ao utilizar as expressões “alguém”, “uma voz de um homem”, “o homem”, o enunciatário não especifica quem é esse alguém, provocando um suspense. Em um texto literário, a *identificação genérica*, não minuciosa, propõe ao leitor uma margem maior de compreensão, preenchimento de lacunas e atualização do texto.

No prólogo e no epílogo, o procedimento de *qualificar* é associado, em regra, ao procedimento de *localizar-situar*. Isso ocorre, pois o narrador-personagem, nessas partes da narrativa, irá apresentar sua casa, o quintal em que brincava, seu apartamento em Ipanema, ou seja, ambientes que acionam um *lócus* permeado de afeto, saudade e redefinem a vida.

Já os procedimentos do *qualificar* permitem que uma visão objetiva ou subjetiva do mundo seja elaborada. Tal categoria descreve os personagens em relação ao vestuário, gestos, posturas, idade, gênero, comportamento; além delas, descreve os lugares, fatos históricos, seres conceituais ou fenômenos. Em nosso material de análise, as qualificações são, na maior parte das vezes, subjetivas, ou seja, apresentam uma valoração pessoal do narrador, como exemplificado no fragmento a seguir:

Naquele dia, assim que a chuva passou, fui como sempre brincar no quintal. Descalço, pouco me incomodando com a lama em que meus pés se afundavam, gostava de abrir regos para que as poças d'água, como pequeninos lagos, escorressem pelo declive do

terreiro, formando o que para mim era um caudaloso rio. E me distraía fazendo descer por ele barquinhos de papel, que eram grandes caravelas de piratas. (SABINO, 2009, p. 12 – prólogo).

O uso das categorias do *localizar-situar* determinam o lugar em que os seres discursivos, os *seres de papel*, ocupam no espaço e no tempo. Esses componentes fazem parte dos procedimentos de construção do mundo, ou seja, estabelecem que tais seres sejam inseridos em um determinado lugar e que suas ações aconteçam em um dado momento. Dessa forma, *localizar-situar* fornecerá pontos de referência à organização da trama narrativa.

Em nosso *corpus*, a localização espacial e a temporal foram ancoradas em lugares, datas e eventos especiais da vida do Fernando/criança/adulto. Esses dados irão remeter ora a elementos factuais, ora a elementos do mundo imaginário – típicos da infância, mas também, da memória do personagem Fernando/adulto.

No prólogo, o narrador-personagem fala sobre a casa em que morava e o quintal onde vivenciava suas experiências infantis e brincava com seus bichos de estimação - seu universo encantado, lugares da sua saudade, carregados de afetos. Ao passo que no epílogo, ele menciona seu apartamento em Ipanema, com vista para “os mesmos edifícios de sempre”, demonstrando um certo enfado da inalterabilidade da vida adulta. Nessa mesma seção, percebemos que pela trama da memória, o personagem dá vasão ao seu pensamento, deslizando-se para o passado, acomodando-se nas lembranças da meninice, como pode ser conferido no fragmento abaixo:

Assombrado, em vez de ver os costumeiros edifícios, cujos fundos dão para o meu apartamento em Ipanema, o que eu vejo é uma mangueira — a mangueira do quintal de minha casa, em Belo Horizonte (...). Daqui da minha janela posso avistar todo o quintal, como antigamente: a caixa de areia que um dia transformei numa piscina, o bambuzal de onde parti para o meu primeiro voo (...). (SABINO, 2009, p. 111 – epílogo).

Como demonstramos, o prólogo “O menino e o homem” e o epílogo “O homem e o menino” se mesclam, as histórias dialogam e se complementam, em uma oscilação de idas e vindas para o passado e o presente. Cria-se um jogo de espelhos. As imagens projetadas (do menino e do homem, ou seja, Fernando em dois tempos) se entrecruzam e, em alguns momentos, se sobrepõem em um efeito caleidoscópico. No prólogo, o narrador-personagem compartilha com o leitor, por várias vezes, momentos da sua infância, como neste recorte:

O homem disse que tinha de ir embora — antes queria me ensinar uma coisa muito importante: — Você quer conhecer o segredo de ser um menino feliz para o resto da sua vida? (...) Pense nos outros. (...) Na hora achei esse segredo meio sem graça. Só bem mais tarde vim a entender o conselho que tantas vezes na vida deixei de cumprir. Mas que sempre deu certo quando me lembrei de segui-lo, fazendo-me feliz como um menino. (SABINO, 2009, p. 12 – epílogo).

Ao lermos passagens como essa, parece-nos que o narrador faz cópias de si, como uma Matrioksa³. Como elucida França (2015, p.46) “Ao invés de depararmos com um indivíduo, deparamos com visões multifocadas da infância, nas quais a linha dramática é fraturada a todo instante para que surta determinado efeito”.

Uma outra parte deste “quebra-cabeça” pode ser encontrada no epílogo. Fernando (adulto) está em seu apartamento em Ipanema:

Paro de escrever, levanto os olhos do papel para o relógio de parede: cinco horas (...). Já contei várias proezas, aventuras, peripécias, tropelias (e algumas lorotas) do tempo em que eu era menino. Nada se compara ao mistério que eu trouxe da infância e que até hoje me intriga: quem era aquele desconhecido que um dia, depois da chuva, foi conversar comigo no fundo do quintal? Na hora pensei que fosse algum amigo da família, ou até parente: um velho primo ou tio que eu não conhecesse. Cheguei, mesmo, a achar que ele se parecia um pouquinho com meu pai (...). Cansado de tantas recordações, caminho até a janela, olho para fora (...). Daqui da minha janela posso avistar todo o quintal, como antigamente: a caixa de areia que um dia transformei numa piscina (...). Desço a escada para o quintal e dou com um garotinho agachado junto às poças d'água da chuva que caiu há pouco, entretido com umas formigas. Dirijo-me a ele, e ficamos conversando algum tempo. (SABINO, 2009, p. 12 – epílogo).

Como é possível notar, *o menino e o homem, o homem e o menino* estão circunscritos um no outro, sem que possamos separar tais histórias. Dessa forma, os personagens, os cenários, as vivências da infância e vida adulta do protagonista irão compor toda narrativa de um modo entrelaçado.

3 Boneca russa tradicional que abrange um conjunto de bonecas de madeira idênticas, de tamanhos decrescentes e que são colocadas umas dentro das outras.

Considerações finais

Neste artigo, tentamos mostrar como a Análise do Discurso pode contribuir para a leitura, análise e compreensão de textos literários. Dentre as muitas teorias da AD, selecionamos duas delas: a Semiologia e O modo de organização descritivo do discurso, ambas de Charaudeau (2009).

A Semiologia orienta-nos que a linguagem deve ser analisada dentro de seu contexto histórico, psicossocial e cultural de produção. Ou seja, todas as vezes que um texto é lido, é necessário que se considere os parceiros da troca linguística e seus estatutos; a finalidade do ato comunicativo; e as circunstâncias materiais nas quais se realiza o ato linguístico. Esses aspectos foram contemplados por meio da análise que fizemos de elementos que compõem o epílogo e o prólogo do livro *O menino no espelho* de Fernando Sabino.

Em relação ao modo de organização descritivo do discurso, geralmente considerado como subordinado ao narrativo, mostramos que ele não diz respeito a uma simples análise das características de personagens ou lugares, por meio de um mapeamento de substantivos e adjetivos. A aplicação dessa categoria revelou a maneira como o narrador-personagem vê e sente o mundo à sua volta, como atua nele. O que o narrador-personagem demonstrou em seus diálogos, monólogos, fluxos de consciência ou memória foram evidenciados por meio dos elementos descritivos.

Por fim, salientamos que este trabalho apresentou uma possibilidade de se ler, analisar e compreender um texto literário pelo viés discursivo. Não foi nossa pretensão, nem seria possível, esgotar todas as probabilidades. Muitas são as áreas do saber, cada qual com suas especificidades e relevância. É necessário compreendê-las como complementares e não concorrentes.

Referências Bibliográficas

ABREU-AOKI, R. L. de. Flutuações no *ethos* de Getúlio Vargas: análise comparativa das imagens projetadas para o estadista por sua filha e outros personagens históricos. *Gláuks - Revista de Letras e Artes*, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 179–198, 2020.

ARFUCH, L. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010.

CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso: modos de organização*. Vários tradutores. São Paulo: Contexto, 2009.

EMEDIATO, W. *A fórmula do texto*. São Paulo: Geração Editorial, 2008.

FRANÇA, A. G. A metáfora da matrioshka animada pelo logos como princípio criador de dramaturgias. *Revista Aspás, [S. l.]*, v. 5, n. 2, p. 41-53, 2015.

SABINO, F. *O menino no espelho*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

VIEGAS, A. C. De que cor são estas flores? Correspondências entre blogs, cartas e literatura. In: CHIARA, Ana; ROCHA, Fátima Cristina Dias (Orgs.). *Literatura brasileira em foco: escritas da intimidade*. Rio de Janeiro: Casa Doze, 2009.

READING AND UNDERSTANDING PROPOSAL OF THE CLASSIC *O MENINO NO ESPELHO* THROUGH DISCOURSE ANALYSIS

ABSTRACT: The romance *O Menino no Espelho* by Fernando Sabino is narrated by the main character, Fernando, the same name as the author. There are many biographical traces in the narrative, mixing fiction and reality. The protagonist shares his life stories with the readers, especially his childhood ones. By telling these experiences, he frames them in such a way that it opens space for resignifications. It interests us to understand how these resignifications are organized and produce meaning effects in the text organization. For this purpose, we utilized the Discourse Analysis categories, such as Semiolinguistics and Organization Modes by Charaudeau (2009).

KEYWORDS: Reading, Literature, Semiolinguistics, Discourse Organization Modes